

FEMINISMO E MEMÓRIA DE MULHERES: UMA ANÁLISE DE TESES E DISSERTAÇÕES BRASILEIRAS

Priscila Silva de Figueiredo

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).
E-mail: priscila.figueiredo@uesb.edu.br.*

Rita Maria Radl-Philipp

Professora Titular Catedrática Plena da Universidade de Santiago de Compostela (USC)- Espanha e professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. E-mail: ritam.radl@usc.es.

Resumo

Estudos sobre memória têm destacado a existência de um controle da transmissão da memória social e, destarte, há várias memórias coletivas ou de grupos, que foram validadas e legitimadas em detrimento de outras. O pensamento feminista também realiza uma denúncia desse matiz, ao colocar na sua pauta a invisibilidade e silenciamento de mulheres, que afeta de forma especial mulheres indígenas, negras, trans e da classe trabalhadora, nos diferentes âmbitos da sociedade capitalista. O presente trabalho, assim, visou efetuar uma análise que liga trabalhos científicos de uma ótica do conhecimento feminista e estudos de Memória, a partir de uma revisão do tipo estado da arte, de teses e dissertações presentes nos repositórios dos programas de pós-graduação em memória do Brasil. A busca permitiu a identificação de 94 trabalhos que dão destaque à(s) mulher(es), problematizando suas condições históricas, sociais, políticas e culturais. A análise dos trabalhos contemplou a sistematização de categorias. As categorias *a priori* foram: ano de defesa, identificação se tese ou dissertação, título, objetivo, estudo empírico ou teórico, aspectos metodológicos e

palavras-chaves. As categorias elaboradas *a posteriori* e o número de trabalhos de cada uma foram: Violência (24), Representações sobre mulheres (17), História de vida (12), Trabalho (12), Política (10), Mídia e Imprensa (8), Saúde e cuidado (4), Religiosidade (3), Encarceramento e tráfico de drogas (3), Esporte (1). Com a análise constatou-se que a produção de memória de mulheres tem crescido em uma curva ascendente, com temáticas sendo privilegiadas e outras nem tanto. Evidencia-se, por fim, a relevância mútua entre o campo da memória e os estudos feministas.

Palavras-chave: memória coletiva, gênero, feminismo, memória social, mulheres.

Introdução

A memória tem sido amplamente explorada pela filosofia com reflexões que remontam à Antiguidade, como em Cícero, Platão e Aristóteles, até os tempos atuais, com um número crescente de autoras(es), discussões e perspectivas. Segundo Celso de Sá (2006), ela tem sido objeto de estudo central também nas ciências da cognição, nas neurociências e da informática e, hoje, se consolida como um campo transdisciplinar que atravessa as fronteiras da filosofia, da sociologia, da história, dentre outras.

A memória, segundo Jô Gondar (2008), como produto do entrecruzamento de múltiplas disciplinas, se constitui como um território polissêmico, comportando diversos sentidos, em especial, as noções de memória individual, coletiva e social. Assim, mesmo no interior de cada disciplina, ela é um tema controverso (GONDAR, 2016). Nessa esteira, a memória está localizada em um campo de lutas e de relações de poder, configurando um contínuo embate entre lembranças e esquecimentos, como expresso por Vera Dodebel, Francisco Farias e Jô Gondar (2016).

Estudos sobre memória, como o de Livia Magalhães e José Almeida (2011), tem destacado a existência de um controle da transmissão da memória social e, nesse sentido, sublinham que há várias memórias coletivas ou de grupos, que foram validadas e legitimadas em detrimento de outras. Paralelamente (mas não só) o conhecimento desde uma perspectiva teórica feminista, realiza uma denúncia desse matiz, ao colocar na sua pauta a invisibilidade e silenciamento de mulheres, em especial de indígenas, negras, trans, da classe trabalhadora, nos diferentes âmbitos - cultural, político, econômico - das sociedades capitalistas.

Assim, nesse trabalho buscamos mediante nossa análise contribuir para a compreensão da importância de estabelecer uma conexão entre as pesquisas na linha do conhecimento e pensamento teórico feminista e os estudos com base na memória, concretamente, a partir de uma revisão do tipo estado da arte, de teses e dissertações presentes nos repositórios dos programas de pós-graduação em memória do Brasil do período que vai do ano de 1996 ao 2020.

Referencial teórico

A memória tem sido objeto de análise desde a Antiguidade, porém foi Maurice Halbwachs no século XX que desenvolveu o conceito de “memória coletiva” e contribuiu para sua ampla difusão. O sociólogo aplicou o conceito nos seus estudos de como o passado é recordado no seio de famílias, grupos religiosos e classes sociais, entendido especialmente como grupos sociais, argumentando que qualquer análise sobre a origem das recordações deve tomar em consideração a influência que nelas exercem os grupos e instituições. Conforme o referido autor, as memórias individuais e coletivas se cruzam contribuindo para a reconstrução dos acontecimentos a partir das múltiplas leituras do passado. Maurice Halbwachs, segundo Myrian Santos (2013), é considerado o responsável pela fundação do campo de estudos sobre a memória no contexto das ciências sociais.

No decorrer de suas obras Halbwachs (2004, 2006) vai mostrar que o passado é reconstruído com base no presente. A memória se ancora em marcos sociais e o indivíduo, inserido no grupo, se torna um sujeito social, com atribuições e papéis. A memória coletiva é alicerçada pelas memórias individuais vividas e compartilhadas dentro de um determinado tempo, espaço e grupo. Ela também está inserida e se realiza muitas vezes em elementos da memória oficial, com elementos que foram significativos para um determinado grupo (inclusive distinto do seu), mas também muitas vezes se realizando em contextos de memória distintos do pensamento hegemônico. Esta última dimensão que se aproxima da reflexão sobre a memória de mulheres.

A sociedade ocidental privou de forma sistemática, por muitos séculos, as mulheres de se desenvolverem como sujeitos da história, despojando-as dos direitos políticos e sociais, como ressaltado por Rita Radl-Philipp (2010). Assim, escrever sobre a memória das mulheres, segundo Nereida Benedicts (2016), é dar visibilidade a uma história que por muitos séculos permaneceu escondida nos registros. Além disso, Michele Perrot (1989), uma intelectual que muito contribuiu no questionamento à história tradicional, denuncia que focada no registro dos acontecimentos públicos, a história oficial provocou uma exclusão das mulheres, por muitas terem sido confinadas ao ambiente doméstico. Além disso, uma ampla parcela das mulheres “trabalhavam fora de suas casas para a manutenção e sobrevivência de suas

famílias, essas mulheres eram negras e brancas de classe pobre, que faziam parte do espaço público, mas que eram invisíveis aos olhos da sociedade” (BENEDICTS, 2016, p. 66).

A partir destas reflexões que buscamos realizar uma análise quanti-qualitativa de trabalhos de memória de mulheres no período de 1996 a 2020, em estudo do tipo estado da arte, cujo desenho teórico-metodológico, apresentamos no tópico a seguir.

Metodologia

A busca dos trabalhos foi feita, inicialmente, no repositório de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por trabalhos que tratassem sobre o tema utilizando os seguintes descritores: “memória” AND “mulheres”; “memória de mulheres”; “memória” E “mulheres”; “memória” “mulheres”; “memória” “feminismo”; “memória” AND “feminismo”; e, “memória” E “feminismo”. A cada busca foram lidos os títulos dos primeiros 20 trabalhos que apareciam, permitindo apreciar a diversidade de temáticas. Com isso, foi possível constatar o caráter transdisciplinar da memória. Foram encontrados desde trabalhos na área da genética molecular até a filosofia, passando pela história, ciências sociais, ciências da computação etc.

Além disso, alguns resultados parecem confusos, como: “memória” “feminismo” com 35.032 resultados e “memória” E “feminismo” com 1207790, além das divergências entre os operadores booleanos AND e E. Estas diferenças de números e multiplicidades de trabalhos dificultavam o objetivo de realizar algumas sínteses sobre memória de mulheres, sob o prisma do feminismo e da memória social/coletiva.

A partir destas análises preliminares e dado o fato de que não foi encontrado nenhum trabalho de estado da arte sobre esta temática específica (memória de mulheres), optamos por centralizar a análise em teses e dissertações dos programas de pós-graduação em memória no Brasil, são eles:

- I. Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO);
- II. Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB);

III. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMSPC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL);

IV. Programa de Pós-Graduação em Memória e Bens Culturais (PPGMBC) da Universidade La Salle.

A busca nos repositórios dos programas permitiu a identificação de 94 trabalhos¹ que foram analisados a partir da sistematização de categorias a priori e a posteriori. A seguir seguem mais informações da análise.

Resultados e discussão

A busca teve como premissa localizar os trabalhos que davam destaque à(s) mulher(es), problematizando suas condições históricas, sociais, políticas e/ou culturais, como tema central da pesquisa (tabela 1).

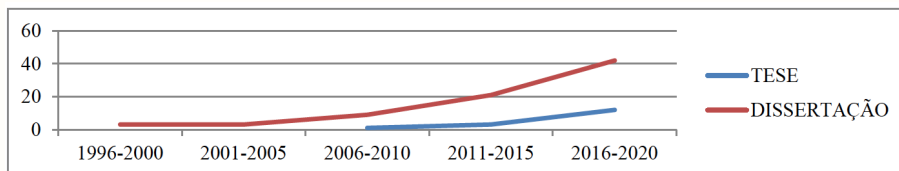
Tabela 1: Relação dos trabalhos sobre memória de mulheres em cada programa.

Programa	Teses	Dissertações	Subtotal
PPGMLS	8	34	42
PPGMSPC	5	1	6
PPGMBC	1	11	12
PPGMS	6	28	34
		TOTAL	94

Os primeiros trabalhos foram encontrados no repositório do PPGMS da UNIRIO, o mais antigo dos programas. De 1996 a 2020 foi possível observar um aumento significativo na quantidade dos trabalhos, em uma curva ascendente ilustrada na Figura 1.

1 A lista com as referências completas dos trabalhos analisados pode ser solicitada por e-mail.

Figura 1: Evolução de teses e dissertações em memória de mulheres, entre 1996-2020, no PPGMS, PPGMLS, PPGMSPC e PPGMBC.



Fonte: elaborada pelas autoras.

Sobre este aumento podemos dialogar com o trabalho de Rogério Souza e Carlos Gadea (2017). Neste estudo os autores realizaram uma pesquisa de estado da arte acerca dos estudos sobre memória coletiva no Brasil, em especial sua inserção junto ao campo das Ciências Sociais (CS). Estes pesquisadores concluíram que houve um aumento no número de trabalhos no campo da memória social, e justificaram apresentando três motivações: I-aumento do interesse pela temática memória coletiva ou social por parte dos programas e cursos; II-aumento do número de cursos por programas; e, III- um aumento de discentes nos programas de pós-graduação nos últimos dez (10) anos.

Apesar dos autores focarem, principalmente, nas publicações e trabalhos na área das Ciências Sociais - e os Programas de Pós-Graduação em Memória sejam integrados à área Interdisciplinar da CAPES -, acreditamos que as motivações elencadas por eles, possam ser utilizadas para compreender o aumento dos trabalhos sobre memória de mulheres, em especial o primeiro aspecto. Acompanhada a essas motivações, adicionamos a produção estimulante e crescente dos estudos feministas nas últimas décadas.

A análise dos trabalhos selecionados contemplou a sistematização de categorias *a priori* e *a posteriori* com relação à leitura.

As categorias *a priori* foram: ano de defesa, identificação no caso de tese ou dissertação, título, objetivo, estudo empírico ou teórico, aspectos metodológicos e palavras-chaves. Estas categorias foram elaboradas antes da leitura dos trabalhos.

A análise dos trabalhos permitiu algumas considerações acerca dos tipos de pesquisa. Nesse sentido, temos como resultado 35 trabalhos teóricos, 22 trabalhos empíricos e teóricos e 30 empíricos (não foi possível determinar acerca de 7 trabalhos pois as versões completas não estavam disponíveis nos repositórios). Os trabalhos teóricos eram principalmente de análise documental, de inquéritos policiais,

matérias de jornal, revista e filosóficos. Dentre os empíricos se destacaram os trabalhos qualitativos que utilizaram entrevistas como instrumento metodológico. Os estudos empíricos e teóricos foram o que utilizaram tanto análise de documentos, como dados construídos no campo.

De um lado, temos pesquisas teóricas como a dissertação de 2018 “A memória cultural construída pelo discurso midiático sobre as mulheres em situação de rua” que permite importantes reflexões sobre como a mídia retrata as mulheres, neste caso, mulheres marginalizadas. Dessa forma, é possível compreender a memória social no discurso midiático, identificando os desafios inerentes a ele, o que é possível de ser rompido etc.

Do outro lado, temos pesquisas empíricas como a dissertação de 2018 “Tejiendo prácticas en una farmacinha casera del MST: Memorias de mujeres del assentamento 12 de julho (Canguçu/RS) sobre el uso de plantas medicinales” que ao mobilizar a memória de mulheres permite o registro e, assim, a valorização de suas trajetórias de vida, contribuições sociais e culturais, além de tecer sobre conhecimentos que compõem o patrimônio biocultural. Destarte, as pesquisas de memória podem ser classificadas como instrumentos de resistência.

Ainda temos as pesquisas teórico-empíricas, como a dissertação de 2014 “O que a quitandeira tem?: um estudo sobre a memória e a identidade das quitadeiras de Minas Gerais”, que analisa os ciclos que perpassam a atividade das quitadeiras a partir do século XVIII até os dias de hoje. Assim, a pesquisa analisa tanto a memória do passado como a memória do presente.

As categorias *a posteriori* foram elaboradas após a leitura de todos os resumos e de trechos dos trabalhos (introdução e metodologia), principalmente, quando algumas questões como metodologia não estavam tão evidentes no resumo e, em alguns, casos foi realizada a leitura completa da tese ou dissertação. Aqui cabe destacar a utilização das palavras-chaves (que, por definição, compreendem os principais temas de um texto) no auxílio da formulação destas categoriais. As palavras-chaves ajudaram a confirmar as categorias *a posteriori*.

As categoriais elaboradas *a posteriori* foram 10 (dez). Não será possível, devido ao espaço disponível neste trabalho a discussão qualitativa de todos os 94 trabalhos. Destarte, apresentaremos as

categorias e a análise qualitativa de alguns trabalhos que evocam questões pertinentes de cada uma.

Categoria 1: Violência

A categoria violência foi a que teve a maior representatividade, 24 trabalhos. O que é compreensível, dado a persistência da violência sexista. Segundo bell hooks (2019, p. 95) “uma das mais divulgadas intervenções positivas do movimento feminista contemporâneo é, de longe, até hoje, o esforço em criar uma maior conscientização cultural sobre a violência [...]”.

Os trabalhos sobre violência doméstica/conjugal foram os mais frequentes. Dentre eles, destacamos a interessante tese, defendida em 2013, intitulada “A transmissão geracional psíquica dos protocolos de gênero como dispositivo mnêmico para a submissão feminina frente à violência conjugal”. Esta tese contribui para uma melhor compreensão dessa violência ainda muito presente, infelizmente, na nossa sociedade.

Além da violência doméstica, encontramos trabalhos também sobre tráfico de mulheres, como a dissertação defendida em 2013 “Tráfico de Pessoas e Violência contra a mulher: a vítima traficada nas decisões judiciais brasileiras” e a dissertação de 2018, sobre assédio “Memória e silenciamento: o assédio moral como estratégia de gestão em um contexto de precarização social do trabalho docente”.

Categoria 2: Representações sobre mulheres

A categoria representações sobre mulheres foi a mais diversificada, com 17 trabalhos. Compreendemos aqui as representações sociais, conforme definição de Mary Jane Spink (1993), como modalidades de conhecimento prático, guiadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social em que vivemos.

Apresentamos como exemplos dessa categoria as dissertações sobre corpo, de 2018 e 2014 “Corpo escrito: o feminino e o barroco na obra de Adriana Varejão” e “A normalização do sujeito em filmes da Xuxa: mulher, corpo e memória”, respectivamente.

Pesquisas sobre moda, vestuário e beleza como as dissertações “Representações da vida feminina em um acervo de imagens fotográficas do Museu da Baronesa, Pelotas/RS: 1880 a 1950” (2011),

“Blogueiras de moda e moças de família: a construção de referências de moda em Vitória da Conquista” (2018) e “Empoderamento de mulheres e indústria da beleza: ambivalências nas narrativas de vida das influenciadoras digitais no Instagram” (2019).

Por fim, agrupamos também nesta categoria a dissertação de 2019 “Memória e educação: construções da identidade étnico-racial de estudantes negras do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal da cidade de Jequié – BA”.

Esta categoria evidencia acima de tudo a multiplicidade de temáticas que podem compor as pesquisas sobre memórias de mulheres. bell hooks (2019) diz que as feministas contemporâneas desafiam o pensamento sexista em relação ao corpo. Além disso, a compreensão elaborada - por pensadoras feministas - de que mulheres jamais serão libertas se não desenvolvêsemos autoestima saudável e amor próprio, fez com que encontrássemos um xis da questão para a mudança. Além disso, consideramos que a pesquisa sobre a identidade de estudantes negras traz uma questão central para o feminismo: é imprescindível que se considere questões de raça, classe e gênero, pois estes sistemas de dominação não se somam, como se fosse possível dividi-los, eles produzem experiências únicas. Além disso, se retroalimentam, o capitalismo não só se fortalece com o sexismo e racismo estrutural, como depende deles para sua manutenção. O racismo estrutural, segundo Silvio de Almeida (2020), uma decorrência da própria estrutura social. A reprodução sistêmica de práticas racistas, segundo este advogado e filósofo, é viabilizada na organização política, econômica e jurídica da sociedade.

Categoria 3: História de vida

A categoria história de vida contempla 12 trabalhos sobre a vida de mulheres, suas lutas e sofrimentos. Neste sentido temos a história de mulheres ricas, pobres, da elite e/ou trabalhadoras. Para exemplificar essa variedade destaco a dissertação de 2013 “Memórias de uma Mulher da Elite: a Correspondência de Celsina Teixeira, Caetité - BA, 1916-1926” e a tese de 2019 “O ato de partejar: memórias, saberes e práticas de parteiras tradicionais do sudoeste baiano”. Pesquisas como essas contribuem para que conheçamos histórias inspiradoras e necessárias de mulheres e sua relevância no contexto específico que atuaram.

Categoria 4: Trabalho

A categoria trabalho também foi bastante representativa com 14 pesquisas. Desde trabalhos que evidenciam o escondido como em “A invisibilidade do trabalho das mulheres: memórias das trabalhadoras rurais acerca das relações de trabalho na lavoura cacaueteira”, de 2018, como de mulheres marginalizadas como em “Mulheres da vida, da casa e do trabalho: Memórias da luta pelos direitos sociais e trabalhistas das prostitutas no Rio de Janeiro”, de 2008, como de trabalhadoras que lutam por melhores condições como em “O (res)significado do trabalho das empregadas domésticas após a Emenda Constitucional nº 72/2013: aproximações empíricas em Vitória da Conquista” de 2018. Encontramos também a dissertação de 2014 “Divisão Sexual do Trabalho, Qualificação e Memória de Agentes Comunitárias de Saúde” que trata desse tema histórico do feminismo que é a divisão sexual do trabalho.

Sobre esta categoria é interessante destacar que, pensadoras reformistas feministas defendiam que o trabalho libertaria as mulheres da dominação exercida contra elas, da dominação patriarcal (HOOKS, 2019). Hoje sabemos que isso não é verdade, ou suficiente. A autossuficiência econômica é necessária, mas precisamos pensar em outras questões como: qual tipo de trabalho é libertador? Principalmente pensando na nossa sociedade dividida em classes e extremamente desigual. A dificuldade econômica das mulheres pode ser uma plataforma política feminista, como um espaço para organização coletiva, uma questão que nos conecte (HOOKS, 2019) e produzam memórias coletivas revolucionárias.

Categoria 5: Política

A categoria política compreendeu 11 trabalhos, principalmente, sobre movimento feminista, militância e mulheres no poder executivo. Tais como a dissertação de 2015 “Memória e vontade de contar: movimento de Mulheres de Vitória da Conquista”, e a dissertação de 2017 “O corpo é o que nos resta: pornoterror e performance, resistência e feminismo” que versam sobre coletivos feministas.

A memória de mulheres na política, destacando a organização e ação política, é muito relevante. Principalmente porque tem

pouquíssima visibilidade na mídia e nas instituições. Os coletivos feministas são, definitivamente, a forma mais poderosa de militância.

Categoria 6: Mídia e Imprensa

A categoria mídia conta com 8 trabalhos e se debruçam majoritariamente em analisar as representações da figura feminina em periódicos e mídia em geral. Tais como a dissertação de 2010 “Corymbo: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul”. Trabalhos como este são relevantes para a compreensão de uma memória social disseminada pelos meios de comunicação.

Categoria 7: Saúde e cuidado

A categoria saúde e cuidado teve 4 trabalhos, tais como a dissertação de 2017 “Memória e representações sociais de mulheres de grupos de alcoólicos anônimos sobre uso/abuso do álcool” e a tese de 2017 “O sentido da memória de mulheres cuidadoras de idosos e idosas dependentes: identidade de gênero e orientação para o cuidado”.

Categoria 8: Religiosidade

A categoria religiosidade conta com 3 (três) trabalhos, como a dissertação de 2010 “Memória e discurso religioso: a fé na “Santa Leocádia” de Guanambi – BA” e a dissertação de 1998, “Candomblé e pobreza: um estudo sobre representação e identidade em um terreiro de candomblé em Nova Iguaçu”. Este último trabalho retrata as representações sociais construídas por Mãe Beata de Yemanjá sobre as ações assistenciais realizadas em seu terreiro. Aqui cabe destacar a baixa quantidade de trabalhos que tenham como tema mulheres e religiosidade, sob o prisma da memória coletiva, nos programas de pós-graduação em memória. O movimento feminista, em seu início, lançou uma crítica à religião patriarcal que teve profundo impacto (HOOKS, 2019). Agora existem alguns caminhos de retorno as práticas espirituais. Destarte, ressaltamos a relevância de pesquisas sobre essa temática e sua aparente lacuna.

Categoria 9: Encarceramento e tráfico de drogas

A categoria encarceramento e tráfico de drogas contou com apenas 3 trabalhos, tais como as dissertações de 2016 e 2020 “Mulher, tráfico de drogas e memória: entre a submissão e a resistência?” e “A Memória do Encarceramento Feminino a partir da Interseccionalidade”, respectivamente.

A primeira ajuda a compreender melhor o lugar da mulher nesse cenário absurdo de uma política antidrogas racista, injusta e ineficaz, tanto do ponto de vista da promoção da saúde pública, quanto de combate à criminalidade. Trabalhos sobre encarceramento vão na mesma esteira, pois estudos mostram que 68% das mulheres encarceradas são negras, como exposto por Luciana Boiteux (2018). A maior parte delas é jovem, sem antecedentes criminais, trabalham muitas vezes em atividades pequenas de varejo e transporte de drogas e possuem dificuldade de acesso a emprego. Muitas vezes medidas alternativas não são sequer consideradas nos julgamentos, somando tudo isso, muitas delas em situação de encarceramento são abandonadas pelas famílias, o que não acontece com a mesma frequência no caso dos homens.

Categoria 10: Esporte

A categoria Esporte apresenta apenas como trabalho representante “Imprensa e Futebol Feminino no Brasil: a memória discursiva em campo”, dissertação defendida em 2009, que foi a única pesquisa encontrada sobre memória de mulheres no esporte. O que consideramos que seja uma relevante lacuna encontrada nos estudos de memória de mulheres. Dessa forma, a visibilidade de tal resultado pode contribuir para que futuros trabalhos se debruçam sob esta temática.

As categorias apresentadas anteriormente possuem limitações vinculadas à subjetividade inevitável de sua formulação. Contudo, acreditamos que os resultados apresentados possuem alguma relevância, pois podem servir como ponto de partida para futuros trabalhos de síntese semelhantes a esse. É possível também que futuros trabalhos visem se debruçar sobre alguma lacuna identificada. Nesse sentido, além das lacunas já elencadas, destacamos que pesquisas sobre memória da sexualidade feminina, memórias lésbicas, memórias de

maternagem e paternagem, parecem ser promissoras para pesquisas nos programas de pós-graduação em memória.

5. Considerações finais

A memória social é um campo transdisciplinar e, em decorrência disso, análises de estado da arte são extremamente complexas, em especial é difícil definir filtros e estabelecer as categorias de análise. Além disso, existem diferentes compreensões sobre memória e em muitos trabalhos não há sequer uma discussão sobre a compreensão de memória adotada. Visando superar estas dificuldades utilizamos como fonte de pesquisa os repositórios dos programas de memória. As análises permitiram reflexões quanto à evolução no número dos trabalhos e temáticas selecionadas e suas respectivas relevâncias.

Compreendemos que as teorias clássicas, sobre a memória social e coletiva, são muito fecundas e podem nos servir de subsídios para estudos que visem não só dar voz àquelas(es) que tentaram silenciar, mas como forma de reparação social em vistas da superação das tantas crises vivenciadas atualmente. De forma complementar, os movimentos sociais e acadêmicos de resistência ajudam a levantar questões que não eram as mesmas de outrora, portanto é preciso avançar, utilizando-se de conceitos e epistemologias que deem conta de interpretar a realidade e o passado, sob suas óticas. Do mesmo modo, como o movimento feminista não pode deixar de olhar para o passado e manter vivas as memórias inspiradoras de mulheres dos povos originários, das mulheres negras, das suas sabedorias, das suas lutas diárias, bem como e utilizar de análises relacionais de gênero.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BENEDICTIS, Nerêida Maria Santos Mafra de. **Memória e Geografia Social de Mulheres em Rio de Contas – Bahia**: a participação feminina no processo de organização de uma sociedade. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016. 232f.

BOITEUX, Luciana. Encarceramento feminino e seletividade penal. **Revista Rede Justiça Criminal, Ed**, v. 9, 2018.

DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco; GONDAR, Jô (Org.) **Por que memória social?** 1. ed. Rio de Janeiro : Híbrida, 2016.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, v. 7, n. 13, 2008.

_____. Cinco proposições sobre memória social. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco; GONDAR, Jô (Org.) **Por que memória social?** 1. ed. Rio de Janeiro : Híbrida, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos, 2004. Trad Manoel Baeza

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. Trad Beatriz Sidou

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha; ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. Relações simbióticas entre memória, ideologia, história e educação. In: LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (org). **História, memória e educação. Campinas: Alínea**, p. 99-109, 2011.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista brasileira de história**, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989.

RADL-PHILIPP, Rita. Derechos humanos y género. **Cadernos CEDES** [online]. 2010, vol. 30, n. 81, pp.135-155. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622010000200002&script=sci_abstract&tlng=es

SÁ, Celso Pereira de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 20, n. 2, p. 290-295, 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória colectiva e teoria social**. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2012.

SOUZA, Rogério Ferreira; GADEA, Carlos A. Memória coletiva e social no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 5, n. 11, p. 199-218, 2017.

SPINK, Mary Jane P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 9, n. 3, p. 300-308, 1993.